

MULHERES NAS FORÇAS DE OPERAÇÕES ESPECIAIS BRASILEIRAS

A análise SWOT da inclusão feminina nas Forças Especiais Brasileiras no contexto do alistamento 2026 separa o emprego em Ações de Comandos versus Operações Especiais, validando a mulher como multiplicador de força na Guerra Não-Convencional, condicionada à mitigação de variáveis biomédicas e adaptação doutrinária institucional.

Carlos A. Klomfahs*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Este artigo em homenagem ao mês da mulher, comemorado em 8 de março de 2026, emprega a Análise SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats) para avaliar a política de inclusão de mulheres nas Forças de Operações Especiais Brasileiras (F Op Esp), em um contexto de crescente instabilidade internacional e da abertura do alistamento militar feminino em 2026.

A pesquisa examina os fatores internos (capacidades operacionais e desafios institucionais) e externos (oportunidades de modernização e ameaças sociais) que influenciam essa transição. O estudo distingue as implicações operacionais para as Forças de Operações Especiais (focadas em planejamento e Ações Indiretas e discretas na retaguarda profunda do inimigo) em contraste com as Ações de Comandos (focadas em Ações Diretas e destrutivas sobre o

objetivo).

A hipótese inicial é de que a inclusão feminina representa uma oportunidade estratégica para a multiplicação de força em operações não-convencionais, mas exige um rigoroso planejamento pessoal e institucional de cada candidata para mitigar riscos de assédio, vulnerabilidades físicas, diferentes em cada mulher, como a instabilidade hormonal dos períodos de fertilidade como os fluídos menstruais e instabilidades psicológicas e garantir a adaptação dos padrões de treinamento e infraestrutura.

INTRODUÇÃO

A Análise SWOT é uma ferramenta de planejamento estratégico amplamente utilizada para avaliar ambientes internos e externos de uma organização ou política. Sua importância reside na capacidade de fornecer um diagnóstico claro, identificando os fatores críticos de sucesso e os riscos inerentes a uma nova iniciativa. No contexto de políticas públicas de defesa, a SWOT é fundamental para avaliar a viabilidade e o impacto de mudanças estruturais, como a inclusão de novos grupos em funções tradicionalmente restritas.

O Contexto Nacional é marcado pela decisão histórica de abrir o alistamento militar para mulheres nas Forças Armadas Brasileiras a partir de 2026.

Essa medida não apenas corrige uma disparidade histórica, mas também visa modernizar a Força, atraindo talentos em um momento de baixa atratividade para o serviço militar obrigatório masculino.

Seja homem ou mulher, a escolha pelas Forças de Operações Especiais nas Forças Armadas deve ser planejada com seriedade e meticulosidade, bem como devem ser considerados os riscos futuros de estresse pós-traumático, especialmente nos casos de captura pelo inimigo, em que os riscos de abuso sexual é diferente para o militar masculino capturado. Também devem ser considerados aspectos como sensibilidade psicológica, e questões como usar cabelos curtos, para evitar ser dominada por trás pelo cabelo por um oponente.

Deve ser considerado que, para o oponente, a captura de um militar de elite traz inúmeras vantagens, especialmente se a captura não for necessariamente na zona de combate, mas durante férias, a passeio em outros países ou mesmo no descuido com sua segurança e de seus familiares.

Os profissionais de elite das Forças Armadas devem entender o quão vulneráveis podem ficar seus familiares, especialmente quando fora de serviço. Se não houver um planejamento e apoio familiar, com práticas e protocolos de segurança, inclusive cibernética, os riscos pessoais são altos e devem ser considerados no plano de vida estratégico, conversando com todos os familiares.

Pois bem.

O contexto internacional de instabilidade e a emergência de conflitos em “zona cinzenta” exigem que as Forças Armadas se adaptem rapidamente. A necessidade de uma sociedade coesa e preparada para conflitos internacionais impõe a busca por uma força representativa e com capacidades operacionais diversificadas. A inclusão feminina nas Forças Especiais, em particular, é vista como um imperativo operacional para a modernização das capacidades de Guerra Não-Convencional (GNC).

A Pergunta de Pesquisa reside em saber: Quais são os fatores internos (forças e fraquezas) e externos (oportunidades e ameaças) que definem a viabilidade e o impacto estratégico da inclusão de mulheres nas Forças Especiais Brasileiras, e como essa inclusão afeta a doutrina de emprego em comparação com as Ações de Comandos?

OBJETIVOS GERAIS

1. **Realizar uma Análise SWOT objetiva** sobre a inclusão de mulheres nas Forças Especiais Brasileiras, categorizando os fatores internos e externos que influenciam a política de defesa.
2. **Analisar implicações doutrinárias** da inclusão feminina, diferenciando o emprego feminino em Ações de Comandos (ações diretas, AD) e em Forças Especiais (ações indiretas, AI).

METODOLOGIA

Adotou-se uma metodologia de pesquisa qualitativa, utilizando a Análise SWOT como principal ferramenta analítica. A SWOT permite a categorização dos fatores que influenciam a política de inclusão em quatro quadrantes: Forças (atributos internos positivos), Fraquezas (atributos internos negativos), Oportunidades (fatores externos positivos) e Ameaças (fatores externos negativos). A análise é complementada por bibliografia sobre estudos de gênero nas Forças Armadas e doutrina de Operações Especiais, com o objetivo de transformar os pontos de vista iniciais em categorias de análise acadêmica.

ANÁLISE SWOT DA INCLUSÃO FEMININA NAS FORÇAS ESPECIAIS BRASILEIRAS

A inclusão de mulheres em unidades de elite, como da Marinha do Brasil, que é a pioneira com as Forças Especiais, é um processo que deve ser avaliado de forma multidimensional, considerando os ganhos operacionais e os desafios institucionais, de forma escalonada e progressiva, ouvindo todos os *stakeholders* envolvidos (candidatas/praças e oficiais, Ministério Público Militar, Superior Tribunal Militar/Auditoria Militar, MD, Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas (EMCFA) e Congresso Nacional, via Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional), medindo os efeitos e debatendo a hierarquia de comando de forma *bottom-up* (de baixo para cima): do operacional (equipes táticas) ao estratégico (Estado-Maior).

Cabe ao EMCFA nos termos do Decreto nº 11.337/2023 e LC 97/99, assessorar o Ministro da

Defesa sobre o serviço militar, inciso VI, dentre outras competências.

A atualização da cultura militar é um fato consumado. Considerar as profundas mudanças em jogo exige tato, bom senso, interesse político e vontade de sair da zona de conforto das autoridades militares envolvidas.

Vale recomendar a leitura dos artigos de Luísa do Amaral: *Inserção do sexo feminino na AMAN: um retrato das primeiras mulheres a integrarem a linha de ensino militar bélico do Exército Brasileiro*, e de Taísa Mariane, sob o título: *Mulheres nas Forças Armadas: protagonismo, trajetórias e desafios*.

Sobre a Força Aérea Brasileira, cabe destacar a major-brigadeiro médica Carla Lyrio Martins, a primeira mulher a alcançar o posto de oficial-general de três estrelas nas Forças Armadas do Brasil, no final do ano de 2023.

Fatores Internos (Forças e Fraquezas)

Categorias	Fatores	Descrição Analítica
Forças (Strengths)	Sensibilidade e Multitenção	Capacidade de processamento paralelo de informações e maior inteligência emocional, essenciais para negociação, coleta de informações e operações psicológicas.
	Resiliência Psicológica	Estudos indicam que mulheres podem apresentar maior resiliência em ambientes de privação e estresse prolongado, compensando eventuais diferenças de força física.
Fraquezas (Weaknesses)	Desafios Fisiológicos e de Infraestrutura	Necessidade de adaptação de padrões físicos de treinamento e de infraestrutura (quartéis, equipamentos) para garantir a saúde e a segurança das militares, instabilidade hormonal do período de fertilidade e aspectos do estresse pós traumático.
	Riscos de Assédio e Abuso Sexual	Ameaça institucional de estupro e abusos sexuais, que exige políticas de tolerância zero, treinamento de liderança e mecanismos de denúncia eficazes para proteger a integridade da tropa.
	Gestão de Fatores Hormonais	A gestão da saúde feminina, incluindo a instabilidade hormonal, deve ser integrada ao planejamento operacional e logístico, sem que isso se torne um fator de exclusão.

Table: BLOG VELHO GENERAL • Source: Elaboração do Autor • Created with Datawrapper

Fatores Externos (Oportunidades e Ameaças)

Categoria	Fatores	Descrição Analítica
Oportunidades (Opportunities)	Multiplicação de Força em Assuntos Cíveis (CIMIC)	A presença feminina é crucial para o acesso a populações femininas em ambientes de conflito, facilitando operações psicológicas (PsyOps) e assuntos cíveis, multiplicando a eficácia da missão.
	Atração de Talentos e Modernização	A baixa quantidade de homens inscritos e o apego a conforto e tecnologias atuais na juventude masculina criam uma oportunidade para atrair talentos femininos altamente motivados e com foco em excelência.
Ameaças (Threats)	Resistência Cultural e Doutrinária	Ameaça de resistência interna de setores mais conservadores da Força, que podem dificultar a integração e a aceitação da mulher em posições de combate e liderança.
	Exposição Midiática e Política	O fracasso em mitigar os riscos de assédio ou a falha em adaptar os padrões de treinamento pode gerar crises de imagem e politização da Força, comprometendo a política de inclusão.

Tabela: BLOG VELHO GENERAL • Fonte: Elaboração do Autor • Criado com Datawrapper

IMPLICAÇÕES DOUTRINÁRIAS: DIFERENÇAS DE ATUAÇÃO EM AÇÕES DE COMANDOS E FORÇAS ESPECIAIS

A inclusão feminina nas Operações Especiais (OpEsp) deve considerar a distinção doutrinária entre as Ações de Comandos (AD) que compreendem: resgate, captura, neutralização, interdição, destruição e evacuação, de pessoas e materiais em todos os níveis sobre alvos de alto valor militar, e as Forças Especiais (AI) que envolvem, dentre outras, ações psicológicas, assimétricas, infiltração, sabotagem, antes, durante ou depois dos conflitos armados ou ações subsidiárias, notadamente o planejamento das ADs.

Em meu entendimento, no Curso de Comandos (praças e oficiais) a última fase de “simulação de prisão pelo inimigo”, em que os candidatos são testados ao limite, com simulações de quase tudo que poderão sofrer caso sejam capturados durante as missões, as mulheres levam desvantagem, para a tropa, para o comando e para elas mesmas. O fator sexo deve ser considerado. Uma mulher capturada pode servir de lascívia ao inimigo, estando sujeita a grande violência sexual durante uma prisão. O impacto físico e psicológico pode não valer a exposição a tamanho perigo para a integridade dessas profissionais, portanto deve ser planejado estrategicamente e meticulosamente.

Seu uso deve melhor ser dimensionado em Operações Especiais, onde o planejamento meticuloso e as ações discretas na retaguarda profunda do inimigo, em tese, alcançam maior êxito quanto aos aspectos de economia de meios, multiplicação de força e concentração de massa.

Isto posto, as Ações de Comandos (como as realizadas pelo Batalhão de Comandos do Exército ou Comandos Anfíbios da Marinha) são tipicamente caracterizadas por ações diretas, destrutivas e de alto risco, com foco na destruição de alvos estratégicos em profundidade. Essas ações exigem, em geral, um alto nível de força física e resistência a traumas imediatos.

As Forças Especiais (como o 1º Batalhão de Forças Especiais do Exército) têm um foco mais estratégico e discreto, suas missões envolvem:

- **Reconhecimento Especial (RE):** coleta de informações em ambientes hostis.
- **Ação direta (AD) de baixo perfil:** sabotagem, resgate de reféns ou neutralização de alvos de alto valor.
- **Guerra Não-Convencional (GNC):** treinamento e apoio a forças de resistência locais.

Ora, é nas missões de guerra não-convencional, reconhecimento especial e assuntos civis que a presença feminina se torna um multiplicador de força insubstituível. Em muitas culturas, apenas mulheres podem interagir com a população feminina local, acessar informações cruciais e conduzir operações psicológicas eficazes. Portanto, a inclusão feminina nas FOpEsp não é apenas uma questão de igualdade, mas um imperativo operacional que aumenta a

capacidade de penetração e a eficácia das OpEsp em ambientes complexos.

REFLEXÕES FINAIS

A Pergunta de Pesquisa foi respondida e a hipótese inicial confirmada. A reflexão sob à égide da participação da sociedade nos assuntos de defesa, no tocante ao tema, ainda que partindo de um autor do sexo masculino, longe de monopolizar o assunto, serve, ao contrário, como legitimação para que oficiais e praças do sexo feminino levem o assunto para a ordem do dia, com base nos preceitos de hierarquia e disciplina que regem as Forças Armadas e que as forças debatam em sentido inverso, do tático ao Estado-Maior das Forças Armadas.

De mais a mais, a inclusão de mulheres nas Forças Especiais Brasileiras, catalisada pelo alistamento feminino em 2026, é uma política de defesa com alto potencial estratégico e visa também compensar a diminuição da opção pelas Forças Armadas em concursos públicos de menor exposição de riscos à vida e maiores “salários”.

A Análise SWOT demonstra que os Pontos Fortes (sensibilidade, multitarefa) e as Oportunidades (multiplicação de força em GNC, atração de talentos) superam as Ameaças externas.

Contudo, o sucesso nevrálgico dessa política, à luz da razão medianeira, depende da mitigação rigorosa das Fraquezas internas, especialmente a prevenção ao assédio, o controle da instabilidade hormonal do período de fertilidade (administrando o período menstrual em uma operação na retaguarda profunda, em que não se pode descartar lixo e o fluido menstrual oriundo pode denunciar posições encobertas na selva etc.), os aspectos e o impacto do estresse pós-traumático, bem como a adaptação das infraestruturas (banheiro, alojamento e rancho) e padrões de treinamento.

A inclusão deve ser vista como um investimento na modernização doutrinária, reconhecendo que a mulher nas Forças Especiais, em Ações Indiretas (AI) preenche uma lacuna operacional crítica, especialmente em missões de Reconhecimento Especial e Guerra Não-Convencional, onde a discrição e a capacidade de acesso a diferentes segmentos da população são mais valiosas do que a força bruta, característica das Ações Diretas.

REFERÊNCIAS

SPILLER, E. S. *Matriz SWOT entrecruzada*. Revista ESG, 2013.

BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA, 2025. Alistamento Militar Feminino. <https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/servico-militar/alistamento-militar-feminino>.

PINHEIRO, João Filipe Rodrigues. *Academia Militar, Administração Militar, Gestão Estratégica e Liderança: uma aferição dos contributos de Buckingham, Drucker, Goldratt, Hill, Porter e Rosenzweig*. Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada. Lisboa, julho de 2013.

<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/7633/1/TIA%20-%20Asp%20Pinheiro.pdf>.

SANTOS, Bhrenda Maria Ferreira dos. *Mulher nas forças armadas: uma análise acerca da importância do serviço social no enfrentamento às violências contra a mulher militar*. Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação Serviço Social. Pantheon Repositório Institucional da UFRJ.

<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/24902>.

SILVA, Josias Marcos de Resende. *Comparação do processo de planejamento da força conjunta de operações especiais: Brasil x OTAN*. Observatório Militar da Praia Vermelha, OMPV.

<https://ompv.eceme.eb.mil.br/areas-tematicas/doutrina-e-operacoes-militares/artigos-dout-opmil/comparacao-do-processo-de-planejamento-da-forca-conjunta-de-operacoes-especiais-brasil-x-otan?csrt=9924142289208873558>.

Comandos ou Forças Especiais: O que diferencia cada um? YouTube, Divisão e Souza Lima | Forças Especiais, 9 de setembro de 2025. <https://www.youtube.com/watch?v=cbbTYdWlww4>.

**Carlos A. Klomfahs é advogado, especialista em Direito Internacional dos Conflitos Armados e operador de Inteligência. Egresso curso de geopolítica da ECEME e estratégia marítima da Escola de Guerra Naval. É mestrando no Programa de Pós-Graduação em Segurança Internacional e Defesa (PPGSID) da Escola Superior de Guerra.*
